

EJA: A INCLUSÃO DIGITAL TRAÇANDO CAMINHOS PARA A INCLUSÃO SOCIAL

Walcyronya Alves da Silva¹, Tito de Almeida Seixas Junior², Rebeca Maria da Silva³, Eliane Maria da Silva⁴, Kátia Cilene Farias de Lima Seixas⁵, Lucas de Lima Seixas Santana⁶, Silvio Profirio da Silva⁷ e Alexandre Cardoso Tenório⁸

Introdução

Nos últimos anos, a sociedade tem passado por grandes avanços tecnológicos. Tais avanços têm se refletido, continuamente, no âmbito educacional, ocasionando o uso de múltiplas e diferenciadas estratégias de ensino – aprendizagem. Tais estratégias não só despertam o interesse dos alunos. Diante desse cenário, o computador tem sido o centro de inúmeras discussões como ferramenta pedagógica, para promover a inclusão social do cidadão e o desenvolvimento das competências para vivência na chamada sociedade da informação. Quando abordamos o uso do computador na educação, adotamos uma abordagem mais ampla, que inclui não só as ditas tecnologias educacionais, mas também as chamadas novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's). O contexto do presente artigo se passa no âmbito do Programa Escola Aberta (SECAD/MEC), como extensionista do Programa Conexões de Saberes (PCS) na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), uma iniciativa da Pró-reitoria de extensão (PRAE/UFRPE).

Entretanto, o PEA, em sua proposta pedagógica, “propõe a formação integral, capaz de desconstruir o muro simbólico entre escola e comunidade e entre educação, cultura, esporte e lazer” [1]. E, assim, o PEA não visa apenas o entretenimento, pois, suas oficinas são pautadas no planejamento “a partir da pesquisa que o coordenador escolar realiza na comunidade, identificando os interesses e necessidades (...) em diversas áreas como cultura, lazer, esportes, comunicação, saúde, informática, trabalho e outras” [1]. De acordo com Santos [4], o PEA no Estado de Pernambuco “passou a desenvolver desde 2003, atividades nos laboratórios de informática das unidades de ensino credenciadas”, como vistas a “contribuir para a redução das violências na comunidade escolar,

ampliar as oportunidades de acesso a espaços de promoção da cidadania” e a “promover e ampliar a integração entre escola e comunidade” [1]. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo relatar o desenvolvimento de uma oficina de informática, realizado em uma Escola Municipal participante do PEA, na perspectiva de incluí-los digitalmente e, por conseguinte, socialmente.

Material e métodos

Situado no centro de São Lourenço da Mata (PE), o Colégio Municipal Ministro Apolônio Sales abrigava desde maio de 2009 a “Oficina de Inclusão Digital para EJA”. Tal oficina foi realizada no período de maio de 2009 a junho de 2010, no horário da tarde. Acerca do público, ela abrange alunos do EJA de tal escola, com idades entre 15 a 55 anos, que nunca tiveram contato direto ou indireto com a informática, em um claro atendimento dos objetivos do Programa Conexões de Saberes (PCS) [3], que busca estabelecer “estratégias de articulação entre os diferentes atores envolvidos nas ações educativas implementadas nas escolas públicas de espaços populares”, na perspectiva de promover a permanência com sucesso dos alunos, da escola pública. Para a execução da oficina, foram utilizadas dez máquinas com acesso à internet, em um laboratório próprio. As oficinas ocorreram aos sábados à tarde, com duração de três horas, atendendo uma média de quinze participantes. Metodologicamente, a oficina buscou associar a exposição dialógica, como a explanação inicial sobre a história do computador, com as atividades práticas. A coordenação motora para esse público é sempre um desafio, sendo necessário promover uma série de atividades, o uso do programa de desenho Paint. Além disso, tivemos a preocupação em atender as necessidades mais atuais dos sujeitos, enfocando o processamento de texto, mas, sem deixar de lado o desenvolvimento motor, sempre reservando um terço do horário, para a digitação,

1. Primeira Autora é aluna do Departamento de Educação, Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Rua Dom Manuel de Medeiros, s/n – Dois Irmãos – Recife, PE, CEP 52171 – 900. E-mail: walcyronya_alves@hotmail.com
2. Segundo Autor é aluno do Departamento de Educação, Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Rua Dom Manuel de Medeiros, s/n – Dois Irmãos – Recife, PE, CEP 52171 – 900. E-mail: titoseixas@yahoo.com.br
3. Terceira Autora é aluna do Departamento de Educação, Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Rua Dom Manuel de Medeiros, s/n – Dois Irmãos – Recife, PE, CEP 52171 – 900. E-mail: rebekams@gmail.com
4. Quarta Autora é aluna do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Centro Acadêmico de Vitória da Universidade Federal de Pernambuco – CAV-UFPE. E-mail: elianemsilva35@yahoo.com.br
5. Quinta Autora é aluna do Curso de Bacharelado em Enfermagem, 8º período, Faculdade São Miguel, Rua Dom Bosco 1308 - Boa Vista - Recife - PE - CEP: 50070-070. E-mail: katiaseixas@yahoo.com.br
6. Sexto Autor é aluno do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Centro Acadêmico de Vitória da Universidade Federal de Pernambuco – CAV-UFPE. E-mail: lucasseixas_@hotmail.com
7. Sétimo Autor é aluno do Departamento de Letras e Ciências Humanas, Curso de Licenciatura em Letras, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Rua Dom Manuel de Medeiros, s/n – Dois Irmãos – Recife, PE, CEP 52171 – 900. E-mail: silvio_profirio@yahoo.com.br
8. Oitavo Autor é Professor Adjunto do Departamento de Educação, Universidade Federal Rural de Pernambuco. Rua Dom Manuel de Medeiros, s/n – Dois Irmãos – Recife, PE, CEP 52171 – 900. UFRPE. E-mail: act72@yahoo.com

como forma de promover uma maior confiança para com o computador.

Resultados

Dentre os resultados alcançados, podemos destacar: as mudanças de atitudes dos jovens e adultos, diante do computador e, acima de tudo, diante de uma perspectiva mais ampla de continuidade de seus estudos. Os resultados são pautados nas falas dos sujeitos, que foram relatadas durante as discussões, promovidas transversalmente ao desenvolvimento da oficina de inclusão digital. Fazendo uso da fala de um dos participantes *“agora sim, não passarei mais vergonha em entrar em uma Lan House para fazer minhas pesquisas”*, percebemos o quanto à oficina foi relevante para os participantes, pelo aumento da auto-estima. Em outro relato, o sujeito destaca seu progresso na autonomia na informática, quando diz que pagava pela pesquisa e digitação do trabalho, mas nunca ficava satisfeito, pois o trabalho nunca vinha como de fato pedia.

Outra prática adotada durante a aplicação da oficina foram discussões que visavam o envolvimento acerca das ações afirmativas, desenvolvidas pela UFRPE com o objetivo de promover o ingresso e a permanência do aluno de origem popular ao mundo acadêmico. Ficou evidente, por meio das falas dos sujeitos envolvidos, que eles não tinham noção que era possível alguém oriundo de escola pública ter acesso à universidade pública. Dessa forma, as discussões buscaram desmistificar e superar o senso comum que não existem pessoas, pertencentes à comunidade, que conseguem ingressar numa instituição de ensino superior pública. Não podemos esquecer que este presente trabalho não enfoca apenas a inclusão de jovens e adultos na era digital, mas também a formulação de opiniões na construção de um ser social mais digno. Diante disso, destacamos algumas falas: *“Agora entendo por que meu filho disse que mesmo depois dos quarenta anos, eu ainda posso cursar uma universidade, e seria melhor a que ele cursa, que é uma instituição federal”*.

Discussão

A sociedade atual é marcada pela multiplicidade das linguagens. Assim, o ser humano dispõe de diferentes linguagens para se comunicar com o mundo e com as pessoas. Dentre tais linguagens, destacamos a computacional. Mas parece que a palavra tem sido o instrumento preferido para objetivar seu pensamento, interagir com o outro e se fazer compreender [5]. Com isso, a maior parte das escolas não abre espaços para as múltiplas formas da linguagem. Durante décadas, a metodologia de ensino desenvolvidas em nossas escolas centravam - se na figura do professor como único detentor do conhecimento. Nesse modelo, o

professor transmite um saber que o aluno deve receber passivamente. Perrenoud [6] aborda a questão da alteração nas relações tradicionais de ensino, oriunda de mudanças decorrente pela globalização e pela tecnologia. Nesse contexto, estamos inseridos na era da informação e do conhecimento, a sociedade não permite mais leitores de livros, apenas. Sendo assim, é necessário que o aluno seja capaz de refletir sobre diversos ângulos e, conseqüentemente, compreender múltiplas linguagens, dentre as quais, se destaca a computacional. Dentro dessa perspectiva, na atualidade, não se permite conceber um cidadão, seja ele jovem ou adulto, que seja impedido de usufruir das grandes mudanças promovidas pelo desenvolvimento digital.

Diante desse quadro, o PCS em parceria com o PEA tem promovido, nos últimos anos, ações que favorecem a identificação de temas, questões e problemas de relevância sócio-pedagógica, para promover a permanência, com qualidade, desses sujeitos nas escolas públicas, localizados em comunidades de baixa renda [2]. Por esse motivo, a promoção da oficina de inclusão digital, no (CMMAS), em São Lourenço da Mata - PE, para jovens e adultos, se mostrou significativa não só para a inserção dos sujeitos no mundo digital, mas também para promover a valorização entre os participantes, da escola pública como espaço de formação intelectual e de universalização de direitos [2]. Para Santos [4], existe uma crença generalizada na sociedade contemporânea de que a inclusão digital significa melhorar as condições de vidas com a ajuda da tecnologia; atingir melhorias sociais a partir do uso do computador, (...). Com a experiência aqui relatada, acreditamos que outras estratégias extensionistas, pautadas no fortalecimento dos vínculos identitários, entre universidade e comunidades populares, precisam ser mais cuidadas pela UFRPE, para ganharem mais amplitude, e abrangência, de modo a contribuir pouco a pouco com a diminuição da sensação de exclusão, na qual os alunos de origem popular são submetidos.

Agradecimentos

Agradecemos ao nosso orientador, à Professora Comunitária do Colégio Municipal Apolônio Sales, como também à Interlocutora do Programa Escola Aberta e, em especial, aos participantes da Oficina de Inclusão Digital para EJA.

Referências

- [1] BRASIL, Ministério da Educação. *Programa Escola Aberta*. Brasília, MEC, 2007.
- [2] MEC. SECAD. *Complemento do Termo de Referência do Programa Conexões de Saberes: diálogo entre a universidade e as comunidades populares para o ano de 2007*. Brasília, 2007. Homepage: <http://www.conexoes.ufsc.br/>
- [3] SANTOS, M. S. T. (org.). *Inclusão digital, inclusão social? Usos das tecnologias da informação e comunicação nas culturas populares*. Recife. – Ed. Do autor, 2009.
- [4] CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. *Gramática Reflexiva: Texto, Semântica e Interação*. São Paulo: Atual, 2005.
- [5] PERRENOUD, P. *Construir as Competências desde a Escola*. Porto Alegre, Artmed Editora, 1999.

Figura 1. Fotos da oficina.



Figura 2. Fotos da oficina.



Figura 3. Fotos da oficina.

